

Moura LBA.

Entre segredos,silêncios e medos:violências nas relações...

ENTRE SEGREDOS, SILÊNCIOS E MEDOS: VIOLÊNCIAS NAS RELAÇÕES INTIMO-AFETIVAS

DEALING WITH SECRETS, SILENCE AND FEAR: INTIMATE PARTNER VIOLENCE

ENTRE LOS SECRETOS, LOS SILENCIOS Y LOS MIEDOS: LA VIOLENCIA EN LAS RELACIONES ÍNTIMAS Y AFECTIVAS

Leides Barroso Azevedo Moura¹

RESUMO: A pesquisa teve como objetivo dimensionar as violências por parceiros íntimos contra mulheres de 15 a 49 anos residentes numa localidade da área metropolitana do Distrito Federal. Este artigo apresenta a prevalência de violências psicológica e sexual praticadas por parceiros íntimos nos últimos 12 meses da vida das mulheres selecionadas e identifica algumas associações entre essas violências recentes com variáveis explicativas do modelo ecológico. O delineamento do estudo foi transversal, com instrumento de pesquisa construído desenvolvido pela Organização Mundial de Saúde. As prevalências das violências de natureza psicológica e sexual ocorridas nos últimos 12 meses foram estimadas, e a presença dessas violências foi relacionada com variáveis agrupadas segundo o modelo ecológico proposto por Bronfenbrenner, em quatro níveis – pessoa, processo, contexto e tempo. Para analisar essas associações, utilizou-se o teste qui-quadrado e regressão logística multivariada. Das mulheres entrevistadas, 50% sofreram violência psicológica e 15% sofreram violência sexual. As variáveis: comportamentos de controle, relacionamento extraconjugal e uso de droga apresentaram as maiores razão de chance para as essas violências dos últimos 12 meses.

¹ Doutora em Ciências da Saúde,PROFESSORA ADJUNTA da Universidade de Brasília , Brasil.E-mail: lmoura@unb.br

Descritores: Violência contra a mulher, Maus-Tratos Conjugais , masculinidade.

ABSTRACT: This paper presents the prevalence of recent psychological and sexual violence, twelve month before the interview, within intimate and affective relationships, involving women aged 15 to 49 years living in a metropolitan area of the Federal District in Brazil. A cross-sectional research design that used the ecological model proposed by Bronfenbrenner: person, process, context and time. It was done the test with chi-square, with level of significance of 5% and estimated the odds ratios (OR) and interval of confidence of 95%. 300 women were interviewed, of these 50% suffered some type of psychological violence in the last year of their lives and 15,6% suffered sexual violence. Only 5.8% sought care in hospitals and primary care services. The increase in controlling behavior by their partner, infidelity and use of drugs had the highest odd ratio for psychological and sexual violence. The high prevalence of violence in intimate relationships needs to be assessed in the health care arena, in particular in the processes of nursing care, to better assist the development of public policies specific to this problem.

Descriptor : Violence Against Women , Spouse Abuse, Masculinidade

RESUMEN: La pesquisa analizó las violencias físicas en el contexto de las relaciones íntimas y emocionales involucrando mujeres de 15 a 49 años que viven en una zona económicamente vulnerable de lo Distrito Federal, Brasil. Estudio transversal, con muestra aleatoria, utilizándose el modelo ecológico propuesto por Bronfenbrenner: persona, proceso, contexto y tiempo. Fue realizado el test de chi-cuadrado con un nivel de significación de 5% y las razones de posibilidades estimadas (OR) e intervalo de confianza de ajuste de 95%. Fueran entrevistadas 300 mujeres, entre las cuales uno 50% sufrió algún tipo de violencia psicologica y 15% violencia sexual en los últimos doces meses de su vida. Sólo el 5,8% buscó atención en los hospitales y servicios de atención primaria. El aumento del comportamiento de control por su pareja, la infidelidad conyugal y el consumo de alcohol representó la mayor razón de probabilidad de violencia psicologica y sexual. La alta prevalencia del uso de la fuerza en las relaciones íntimas y familiares, necesita ocasionar

extrañamiento y malestar en la comunidad académica, en particular durante la realización de los cuidados de enfermería, y servir de apoyo para el desarrollo de políticas públicas específicas para este problema.

Palabras clave: Violencia contra la mujer, Maltrato conyugal, Parejas sexuales, Masculinidad

I - INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo, a necessidade crescente de um entendimento mais amplo acerca do fenômeno das violências por parceiros íntimos torna-se a cada dia mais importante. A complexidade desse tema, já discutida em muitas pesquisas que abordam a temática de gênero, vem sendo o objeto de preocupação de várias instituições, gestores públicos e políticas governamentais.

Entre segredos, silêncios e medos, a violência contra mulheres no mundo contemporâneo situa-se na interferência entre os processos cultural e simbólico, social e político, econômico, étnico-racial e religioso, revelando o *modus operandi* de uma sociedade construída segundo uma ordem hierárquica que procurou adestrar corpos e mentes para a dominação masculina.

Historicamente a sociedade brasileira tem lidado com o fenômeno da violência contra a mulher como se ele pertencesse a uma esfera exclusivamente privada e somente a partir dos anos 1970 é que o tema foi agendado politicamente pelas organizações internacionais e posteriormente pelas nacionais que trabalham na defesa dos direitos da mulher. A própria expressão “violência cometida por parceiro íntimo” (VPI) foi cunhada ao final do século XX e incorporada nos relatórios dessas organizações.

A VPI é uma forma de violência baseada em gênero num contexto de relações produzidas por um sistema social de opressão baseado na assimetria hierárquica do gênero masculino. A categoria gênero tem como núcleo duro os estereótipos ligados à masculinidade e o sistema de dominação masculina e subordinação feminina naturalizado no social. Essa categoria auxilia na descrição dos sistemas sociais que contribuem para a

manutenção das relações assimétricas entre homens e mulheres. Huniccut ⁽¹⁾ ressalta que existe uma ampla variedade de manifestações da assimetria de gênero entre diferentes culturas e que existem labirintos das dinâmicas do poder que modelam o mundo social. Na mesma perspectiva, Butler ⁽²⁾ afirma que há diferentes matrizes de gênero e é preciso compreender que ao mencionarmos “feminino” ou “masculino” corremos o risco de “essencializar” um conjunto de comportamentos como descritivos, ou quase prescritivos, para cada uma dessas categorias. Neste sentido, é importante desmistificar a noção de que existe uma forma única de feminilidade e masculinidade. Coexiste no nosso país um sistema patriarcal e ao mesmo tempo um processo civilizatório de construção de relações mais permeáveis à necessidade de equidade nas interações íntimo-afetivas entre parceiros. As VPIs negam espaço para o conflito e marcam a ruptura das relações dialógicas entre o gênero feminino e o masculino.

Este artigo adota a perspectiva da terceira onda do movimento feminista que enfatiza a resistência da mulher à violência como “sobrevivente” ao invés de “vítima”, uma vez que a posição de sobrevivente reforça a resistência, resiliência e nega a passividade que o termo “vítima” lhe confere ⁽³⁾. Dunn ⁽⁴⁾ afirma que vítima descreve uma posição estática para pessoas que não têm saída, mostrando que a mulher está permanentemente presa em uma situação de dominação que não lhe permite resistir. A violência será analisada como uma relação de força em que diferenças são convertidas, por intermédio de um sistema hierárquico de assimetria de poder, em desigualdades com o objetivo de produzir dominação, exploração e opressão dos subordinados. A ação violenta “coisifica” as pessoas e desumaniza as relações.

O presente trabalho descreve parte dos resultados de uma pesquisa que teve como objeto as violências praticadas por parceiros íntimos contra mulheres residentes em uma área urbana do Distrito Federal ⁽⁵⁾. No campo das violências interpessoais a pesquisa selecionou um tipo específico: a violência que é cometida contra a mulher pelo seu parceiro íntimo, a saber, pelo marido, companheiro, namorado ou qualquer outro parceiro do sexo masculino com quem ela desenvolve relações íntimas afetivas. A violência contra a mulher perpassa as diferentes condições sociais, étnicas e religiosas e no contexto internacional, nacional e local tem apresentado uma magnitude diversa entre os grupos populacionais ⁽⁶⁾.

A prevalência das violências física e/ou sexual publicadas nos estudos internacionais varia de 15,4% a 70,9% para ocorrências de ao menos um episódio violento cometido pelos parceiros íntimos ⁽⁷⁾. No Brasil, estudos têm relatado uma acentuada prevalência da VPI com altos números para violência física, sexual e psicológica ⁽⁸⁾. O presente estudo representa uma contribuição para a compreensão de uma realidade local que não dispunha de nenhum dado acerca da ocorrência do fenômeno e auxiliará a elaboração de políticas públicas específicas para o enfrentamento do problema.

Os objetivos deste trabalho foram o de descrever a prevalência das violências psicológicas e sexuais praticada por parceiros íntimos nos últimos 12 meses contra mulheres de 15 a 49 anos de idade residentes numa localidade da Área Metropolitana do Federal e investigar as associações dessas variáveis-desfecho com variáveis explicativas do modelo ecológico.

II- MÉTODOS

O critério de inclusão utilizado foi qualquer mulher entre 15 e 49 anos de idade, faixa etária classificada como idade reprodutiva, que residia no Varjão há pelo menos um mês.

O instrumento utilizado neste estudo totalizou 57 questões de um instrumento desenvolvido para o estudo multipaíses realizado pela OMS ⁽⁷⁾.

Para a obtenção do tamanho da amostra considerou-se um processo de Amostragem Aleatória Simples, tendo como principal medida a ser estimada a “Proporção de mulheres que sofreram violências por parceiros íntimos”. O tamanho mínimo da amostra obtida foi de 257 mulheres considerando que: o censo 2000 enumerou 1688 mulheres de 15 a 49 anos (N), uma prevalência da violência contra mulher cometida por parceiro íntimo de 27% ⁽⁷⁾, um erro amostral de 5 pontos percentuais e uma confiança de 95%. Considerando-se uma margem de segurança de 17%, o tamanho final da amostra foi de 300 mulheres a serem entrevistadas. Para operacionalizar a coleta de dados, o esquema de amostragem utilizado foi o de amostragem aleatória sistemática, tendo-se como fração amostral 1/6 ou 16,7%. Foi entrevistada apenas uma mulher, escolhida ao acaso, para cada domicílio selecionado na

amostra.

Foram analisadas as prevalências das violências de natureza psicológica, física e sexual nos últimos doze meses que antecederam a entrevista com as mulheres.

As variáveis selecionadas a partir da lógica do modelo ecológico descreve múltiplos níveis de fatores inter-relacionados e provenientes de sistemas configurados da micro até a macrodimensão. As variáveis explicativas foram agrupadas considerando o modelo ecológico proposto por Bronfenbrenner⁽⁹⁾, em quatro níveis – pessoa, processo, contexto e tempo:

Pessoal: nesse nível, privilegamos as características sócio demográficas da mulher e do parceiro. As variáveis da entrevistada foram: escolaridade, idade, religião, estado civil, número de casamentos, ocupação, tempo de moradia, local onde foi criada (onde passou os primeiros 12 anos da vida). Além disso, foram incluídas características do parceiro, denominadas variáveis relacionais, uma vez que gênero é uma categoria relacional, que estavam presentes no instrumento de coleta de dados: escolaridade, idade, ocupação, uso de bebidas e frequência do uso de drogas.

Utilizou-se o teste qui-quadrado com nível de significância 0,05 para verificar a relação entre as violências e as variáveis explicativas. Além disso, foi realizada regressão logística multivariada para cada tipo de violência. Apresentaremos para cada variável desfecho (violência psicológica e sexual) os fatores que estatisticamente se mostraram significativos na dinâmica de sua ocorrência.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências da Saúde da Universidade de Brasília.

III – RESULTADOS

Quanto às características sociodemográficas, 45% das mulheres entrevistadas tinham entre 25 e 34 anos, 62% possuíam apenas ensino fundamental incompleto e 58% declararam estar desempregada ou a procura de um emprego.

A região mais frequente de procedência das entrevistadas foi o Nordeste brasileiro, com 48,6% das mulheres, sendo 28,3% delas migrantes do estado da Bahia. Apenas 10%

das entrevistadas eram moradoras nativas da região.

Das 300 mulheres, 262 (94%) já haviam engravidado pelo menos uma vez na vida sendo que 24 estavam grávidas no período da entrevista.

Quanto aos parceiros, a idade mediana foi de 32 anos e a precariedade da escolaridade foi ainda maior com 71% deles apresentando apenas ensino fundamental incompleto. Em relação ao consumo de bebida alcoólica, 12% das mulheres afirmaram que seus parceiros faziam uso todos os dias ou quase todos os dias, e 49% delas relataram que o parceiro bebia moderadamente (duas ou três vezes por semana).

11% das mulheres declararam que seus parceiros eram usuários de drogas ilícitas, e 19% revelaram que eles já haviam feito uso desse tipo de substância no passado. Ainda que 77% afirmassem que seus parceiros exerciam atividade laboral, 91% deles prestavam serviços não especializados e menos de um terço possuía vínculo empregatício com carteira assinada (29%).

A chefia masculina é relatada por 49% das mulheres, a feminina por 36% e a chefia compartilhada foi declarada pelos outros 15%. Finalmente, o número de pessoas na moradia variou entre 1 a 9 pessoas e a distribuição foi de: 1 a 2 (11%), 3 a 4 (55%) e 5 ou mais (34%).

Foram encontradas as seguintes prevalências de violência nos últimos 12 meses: para a violência psicológica, de mais elevada prevalência, foi de 50% (IC 95%: 44,1% – 55,9%). A violência sexual apresentou uma prevalência de 15,5% (IC95%: 11,2% - 19,8%). Além disso, a forma de violência psicológica com maior prevalência nos últimos 12 meses foi o insulto (n = 109; 39%). Ter relação sexual por medo do parceiro apresentou a maior prevalência entre os atos classificados como violência sexual (n = 63; 23%). Um elevado percentual de 65% das mulheres que sofreram essa forma de violência afirma que ocorrem muitos episódios de relação sexual devido ao temor do que o parceiro possa fazer com elas.

Apresentaremos a seguir a prevalência de alguns comportamentos dos parceiros relatados pelas mulheres entrevistadas e descritos no nível processual do modelo ecológico. Observa-se que 48% dessas mulheres narram a ocorrência de relacionamento extraconjugal pelo parceiro com outras mulheres. Quando perguntadas sobre a existência de comportamentos controladores adotados pelo parceiro atual ou mais recente, 36% das

mulheres afirmaram que os parceiros procuravam evitar que elas visitassem ou vissem amigos e 45% insistiam em saber onde a parceira estava o tempo todo. Além disso, 52% ficavam zangados se elas conversassem com outros homens.

A Tabela 1 mostra os resultados da análise aplicada à variável *violência psicológica que ocorreu nos últimos doze meses* como desfecho e variáveis do modelo ecológico como explicativas. O modelo final mostrou que permaneceram apenas as variáveis relacionadas aos parceiros. São elas: uso de droga (OR 2,00), episódios de embriaguez (OR 1,39 para episódios mensais e 2,14 para episódios semanais), infidelidade conjugal (OR 3,34) e comportamentos de controle (OR 16,41 para 4 ou mais controles e OR 5,84 para 1 a 3 comportamentos).

Na análise da ocorrência de violência sexual nos últimos doze meses, quatro variáveis relacionadas ao parceiro mostraram-se significativas. Duas pessoais – uso de droga e episódios de embriaguez – e duas do nível processual – infidelidade conjugal e comportamentos de controle. Mulheres que relataram que seus parceiros tiveram episódios semanais de embriaguez tiveram 8,86 vezes mais chance de sofrerem violência sexual nos últimos doze meses do que nos casos em que não houve nenhum episódio de embriaguez. Além disso, mulheres cujos parceiros foram descritos como usuários de droga tiveram 4,79 vezes mais chance de terem sofrido esse tipo de violência. Em relação aos relacionamentos extraconjugais, mulheres cujos parceiros têm ou tiveram relacionamentos com outras mulheres apresentaram 2,58 mais chance de terem sofrido violência sexual recentemente, ou seja, nos últimos doze meses antes da entrevista (TABELA 2).

Finalmente, as variáveis explicativas que apresentaram nível de significância em todos os tipos de violência foram três: uma do nível pessoal relacionada ao parceiro, que foi o uso de droga; e duas do nível processual, relacionadas aos comportamentos de controle e relacionamentos extraconjugais do parceiro. Essas duas variáveis do nível processual estão relacionadas às interações do parceiro com mulheres – quer seja a entrevistada quer seja a “outra” na vida dele – e aponta para a possibilidade de que outras formas de violência ou mesmo outros casos de violência estejam ocorrendo com as outras

parceiras desse homem. Chama a atenção o fato de que não houve uma única variável relacionada às características da mulher associada com a ocorrência de qualquer tipo de violência nos últimos doze meses.

IV – DISCUSSÃO

A VPI, multideterminada e polissêmica, descreve um fenômeno que envolve toda a sociedade e suas múltiplas dimensões – social, econômica, cultural – e a constituição das subjetividades e o modo como se estruturam as relações entre homens e mulheres no âmbito íntimo-afetivo.

O estudo apresentou, de maneira descritiva, alguns resultados relacionados aos atos de violência sofridos pela mulher nas suas relações heterossexuais íntimo-afetivas. São corpos que também “contam” suas histórias de violações, lesões e agressões. Esses resultados mensuram parte da magnitude das punições sofridas onde o parceiro do sexo masculino busca, por intermédio dos implementos da violência, a subjugação das vontades e o cerceamento da liberdade.

As prevalências de violências praticadas por parceiros íntimos revelam que no cerne da questão abordada encontram-se seres humanos em estado de vulnerabilidade e precariedade da integridade psicológica e sexual que estão vivendo processos de controle e violências graves e frequentes. O uso da força coercitiva e punitiva em forma de abuso psicológico e violações sexuais expressaram o tamanho do *gap* – da distância - a ser trilhada rumo à civilidade humana. Os números e as vozes que contam suas histórias precisam despertar estranhamento e desconforto no pesquisador, na comunidade estudada e seus atores, na cidade onde ela está inserida e na sociedade brasileira como um todo.

O estudo da OMS ⁽⁷⁾ relatou ainda uma prevalência de violência sexual que variou entre 44,4% na Etiópia e 1,1% na Sérvia. Já a prevalência encontrada no Varjão, de 15,5% nos últimos 12 meses, equipara-se à encontrada na província rural da Tailândia (15,6%).

As prevalências encontradas no presente estudo precisam ser analisadas a partir da interface da ecologia humana com os territórios de vida marcados pela assimetria dos espaços ocupados por mulheres e homens no processo de territorialização. Além disso,

quase metade das entrevistadas relatou não contar com o apoio de familiares e nem com a iniciativa da comunidade local para parar brigas que ocorram na vizinhança. Estudo anterior descreveu a experiência de famílias nas quais se constatou que a violência contra a mulher estava associada à interrupção das dinâmicas familiares e à redução do apoio oferecido pelos membros da família ⁽¹⁰⁾.

Os dados estatísticos revelam que os fatores associados às violências psicológica e sexual praticada contra a mulher nos últimos doze meses foi o uso de comportamentos de controle pelo parceiro, sendo seguido em segundo lugar pelos relacionamentos extraconjugais. Ambos são fatores pertencentes ao nível processual na perspectiva ecológica. Para Bronfenbrenner ⁽⁹⁾ no nível processual ocorre uma “transferência de energia entre seres em interação”, entre pessoas e os símbolos presentes nos diversos ambientes.

Nesse sentido, podemos perceber que a chave de interpretação para esses dados é a imbricação do conceito relacional de gênero e masculinidade que encontra nos comportamentos de controle, uma forma de linguagem, um processo comunicativo, que interage com outras variáveis, de maneira direta ou indireta, e produz cenários de violências múltiplas baseadas em relações de poder. Os comportamentos de controle são discursos de delimitação de posse e de estabelecimento de propriedade e são acompanhados dos implementos do uso da força ilegítima. Esses comportamentos são considerados elementos do núcleo central das violências praticadas por parceiros íntimos ⁽¹¹⁻¹²⁾.

A pesquisa revelou a alta prevalência de violências cometidas por parceiros que procuram negar a condição de “sujeito de direito” nas relações íntimo-afetivas das mulheres. Para reduzir esses índices é essencial o cultivo de uma cultura de tolerância zero à manutenção dessas dinâmicas violentas em todas as esferas da ecologia das relações humanas. É um trabalho individual e coletivo, dos gestores e dos profissionais de saúde, que exige uma maior consciência de que essas violências não estão invisíveis no cotidiano dos profissionais das diversas áreas do saber. A família, os filhos, os cuidadores do sistema de saúde e da educação e a comunidade como um todo escutam relatos desses atos. A constatação das altas prevalências de VPI revela uma situação clara de desvio e anomia no processo civilizatório e precisam ser urgentemente endereçadas nas políticas públicas locais e problematizada com as equipes da Estratégia Saúde da Família da região entrevistada.

Estudos na área da masculinidade e saúde poderiam em muito contribuir para revelar as consequências nas dimensões da ecologia das relações nas perspectivas individuais, familiares, comunitárias e societária.

V – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Hunnicutt G. Varieties of patriarchy and violence against women: resurrecting “Patriarchy” as a theoretical tool. *Violence Against Women* 2009; 15 (5):553-573.
2. Butler J. *Gender trouble*. Routledge: New York; 1999.
3. Wang X , Ying HPS. Violence and Desire in Beijing: A Young Chinese Woman's Strategies of Resistance in Father-Daughter Incest and Dating Relationships. *Violence Against Women* 2007; 13 (12): 1319-1338,
4. Dunn, J. L. Victims” and “survivors”: Emerging vocabularies of motive for “battered women who stay. *Sociological Inquiry* 2005; 75 (1): 1-30.
5. Moura, LBA., Gandolfi L., Vasconcelos AMN., Pratesi, R. Violências contra mulheres por parceiro íntimo em área urbana economicamente vulnerável, Brasília, DF. *Rev. Saúde Pública, São Paulo* vol.43 n. 6, p. 944-953, 2009.
6. Ellsberg M, Jansen HA, Heise L, Watts CH, Garcia-Moreno C. Intimate partner violence and women's physical and mental health in the WHO Multi-Country Study on Women's Health and Domestic Violence: an observational study. *Lancet*, n. 371(9619), p. 1165-72, 2008.
7. World Health Organization (WHO). WHO multi-country study on women’s health and domestic violence against women. Geneva: WHO; 2005.
8. Palazzo LS, Kelling A, Béria JU, Figueiredo ACL, Gigante LP, Raymann B et al. Violência física e fatores associados: estudo de base populacional no sul do Brasil. *Rev Saúde Pública* 2008; 42(4): 622-29.
9. Bronfenbrenner U. *The ecology of human development: experiments by nature and design*. Cambridge, MA: Harvard University Press; 1979.
10. Rabello, P.M., Caldas, A.F.J. Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. *Rev. Saúde Publica* 2007; 41(6): 970-978.

Moura LBA.

Entre segredos,silêncios e medos:violências nas relações...

11. Morgaine K. How Would That Help Our Work?: The Intersection of Domestic Violence and Human Rights in the United States. *Violence against Women* 2011; 17(1): 6-27.
12. Reed E. Intimate partner violence: a gender-based issue? *Am J Public Health* 2008; 98 (2): 190-199.
13. Moura LBA, Moura B. Reflexões sobre conjugalidade violenta na condição moderna. In: Lima FR, Santos C, organizadores. *Violência doméstica: vulnerabilidades e desafios na intervenção criminal e multidisciplinar*. Rio de Janeiro: Lúmen Júris; 2009. p. 183-94.

TABELA 1. Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência psicológica nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR	IC (95%)
Nível Pessoal - Parceiro		
Uso de droga pelo parceiro		
Não usa droga	1,00	-
Usuário ou ex-usuário de droga	2,00	3,88 – 3,88
Episódios de embriaguez		
Nunca houve episódios de embriaguez	1,00	-
Episódios mensais	1,39	0,67 – 2,92
Episódios semanais	2,14	0,97 – 4,75
Nível Processual - Parceiro		
Número de comportamentos de controle		
Nenhum	1,00	-
1 a 3	5,84	2,26 – 15,14
4 ou +	16,31	5,69 – 46,71
Relacionamento extraconjugal		
Não	1,00	-
Sim	3,15	1,73 – 5,72

TABELA 2 - Razão de chance ajustada e intervalo de confiança para a associação entre a violência sexual nos últimos doze meses e as variáveis explicativas do modelo ecológico. Varjão, DF, 2007

Variável	OR	IC (95%)
Nível Pessoal - Parceiro		
Episódios de embriaguez		
Nunca houve episódios de embriaguez	1.00	-
Episódios mensais	5.90	2.01 – 17.31
Episódios semanais	8.86	3.21 – 24.45
Uso de droga pelo parceiro		
Não usa droga	1.00	-
Ex-usuário de droga	2.52	1.28 – 6.20
Usuário	4.79	1.74 – 13.17
Nível Processual - Parceiro		
Relacionamento extraconjugal		
Não	1.00	-
Sim	2.58	1.10 – 6.04
Número de comportamentos de controle		
Nenhum	1,00	-
1 a 3	3,03	0.83 – 11.01
4 ou +	15.72	4.21 – 58.62

Sources of funding: No

Conflict of interest: No

Date of first submission: 2011/04/03

Last received: 2012/05/02

Accepted: 2012/05/03

Publishing: 2012/05/10